

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

MARIA CECÍLIA SALDANHA QUADROS

**Fruto furtado não cria raiz:
Uma autossociobiografia sobre mudanças de cidade**

Produto Jornalístico

Mariana
2026

MARIA CECÍLIA SALDANHA QUADROS

**Fruto furtado não cria raiz:
Uma autossociobiografia sobre mudanças de cidade**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Daniel Macêdo

Mariana
2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

Q1f Quadros, Maria Cecília Saldanha.
Fruto furtado não cria raiz [manuscrito]: uma autossociobiografia sobre mudanças de cidade. / Maria Cecília Saldanha Quadros. - 2026.
26 f.: il.: color., mapa.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Paiva de Macêdo Júnior.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Arquivos - História. 2. Biografia. 3. Cidades e vilas. 4. Experiência. 5. Memória coletiva. 6. Migração interna - Minas Gerais. 7. Mudança de casa. I. Macêdo Júnior, Daniel Paiva de. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 821.134.3(81)-94

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário CRB6 1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Cecília Saldanha Quadros

Fruto furtado não cria raiz: uma autossociobiografia sobre mudanças de cidade

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Jornalista

Aprovada em 26 de fevereiro de 2026

Membros da banca

Doutor Daniel Paiva de Macêdo Júnior - Orientador Universidade Federal de Ouro Preto
Doutora Ana Carolina Lima Santos - Universidade Federal de Ouro Preto
Jornalista Letícia de Almeida Pereira Baracho - Universidade Federal do Oeste do Pará

Daniel Paiva de Macêdo Júnior, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 27/04/2026



Documento assinado eletronicamente por **Frederico Salomé de Oliveira, COORDENADOR(A) DE CURSO DE JORNALISMO**, em 18/05/2026, às 19:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1109366** e o código CRC **404E033C**.

AGRADECIMENTOS

Após ter me visto envolvida em tantas palavras e em tantas lembranças, eu me questiono qual é a melhor forma de agradecer quem não me deixou ao léu e sozinha. Existem muitas palavras que eu gostaria de escrever para quem me ajudou a não me desfazer em dúvidas, sabotagens e desistência. Esse trabalho só existe porque um dia senti saudade pela primeira vez, porque senti um silêncio no peito ao pisar em terras desconhecidas por mim que, por outro lado, preenchem o corpo de outras pessoas e porque eu me vejo criar estratégias de me sentir, ao menos um pouco, pertencente a onde quer que eu esteja. A saudade, o silêncio e as estratégias eu aprendi com os meus pais, André e Laura.

Depois de tantas memórias e de olhar tantas fotografias em busca de algumas para utilizar neste trabalho, consegui identificar algo que, ao longo de todos esses anos, apesar das distâncias e impermanências, vocês se esforçam para manter na minha vida: as recordações. Vocês me ensinaram a sempre notar os espaços e as pessoas, mesmo à distância. Sou grata a você, meu pai, por ter me mostrado como pisar com respeito nos lugares e me retirar com educação. Lembro de todas as vezes em que você me ensinou um caminho e, logo depois, me perguntou se no dia seguinte eu saberia seguir o trajeto sozinha. Sou grata a você, minha mãe, por ter me incentivado a criar sonhos e, principalmente, por ser uma motivação para que eu criasse coragem de colocá-los em prática.

À Carol, minha irmã, que dividiu comigo a condição de se mudar sem outra opção. Agradeço todos os desbravamentos de novos cômodos que você viveu ao meu lado e todas as histórias ouvidas e contadas. Desde as minhas primeiras lembranças, você esteve presente. Dedico este trabalho a você: por cada caixa, cada móvel arrastado, cada porta fechada, cada despedida, cada rua percorrida, cada escola diferente, cada espaço e sentimento dividido, cada palavra e por cada pessoa da qual você também precisou se afastar. Entre instabilidades, você sempre me incentivou a continuar.

Sou grata à Renata, minha psicóloga, com quem, desde o início, compartilhei minhas angústias e ideias sobre este trabalho. Hoje, ao final dele, reconheço que esse processo nasceu das transformações que nossas sessões provocaram em minha vida. A cada texto que você me pede para escrever, aprendo a olhar o mundo com mais cuidado. A cada pergunta que você me faz, percebo que passo a ter mais domínio do meu caminho e das minhas escolhas. Com você, aprendi a sentir orgulho da minha trajetória e do que faço. Tenho certeza de que o resultado desses anos de dedicação na graduação só foi possível porque você esteve entre as pessoas que mais me incentivaram a acreditar na minha capacidade.

Ao Daniel, agradeço imensamente pela orientação, pelo acompanhamento e pelas sugestões tão instigantes que você fez ao longo deste processo. Por acreditar e me fazer acreditar na realização deste trabalho desde a nossa primeira conversa na aula de Mídia e Memória. Todas as indagações e reflexões que você me apresentou me levaram a escrever de forma coerente com o que eu desejava que este livro fosse: as mudanças a partir da minha perspectiva. Ele se tornou mais do que um trabalho - como eu escrevi, um livro-casa - e, com o seu incentivo, fui visitada por memórias e consegui ressignificar alguns pontos do passado.

Aos meus amigos de Passos: Ester, Guilherme e Vinícius. Cada um de vocês me ensinou uma forma diferente de amizade, mas todos me mostraram que é possível continuar um vínculo sem deixá-lo se perder pela estrada. Ester, obrigada por estar comigo e ser um ponto de luz na minha vida. Independentemente do horário, você é minha sincronia. Guilherme, nossa conexão atravessa barreiras físicas. Sou muito grata por nossos caminhos terem se cruzado. Não há distância que me faça esquecer como, desde o primeiro ano do ensino médio, você irradia luz na minha vida. Vinícius, com você conheci a ternura. Guardo com carinho todos os momentos ao seu lado, recordo do meu último dia morando em Passos, você me acompanhou em silêncio até a rua em que eu morava. Sou grata pelo seu companheirismo que perpassa os anos.

Agradeço à Camila, minha amiga de curso desde antes do primeiro período iniciar. Sua presença aliviou as aulas, os trabalhos, as atividades e os projetos. Você sempre será minha dupla de jornalismo e faz parte das minhas melhores lembranças de Mariana e Ouro Preto. Em meio às instabilidades da vida universitária marianense, conheci três pessoas que se tornaram refúgio em diversas situações. Emmanuelle, Gabriela e Luísa, obrigada por apoiarem a realização deste trabalho desde o início e por estarem comigo em momentos tão difíceis. Compartilhamos, cada uma à sua maneira, essa busca por pertencimento e, em vocês, nas nossas conversas e momentos encontrei uma segurança que não cabe dentro de quatro paredes. Sou grata também à Jade, Júlia An e Ludmylla, que conheci durante nosso estágio no museu. O apoio de vocês foi fundamental para a conclusão deste trabalho e a relação que construímos me incentivou a continuar no curso. Essa amizade comprova que tive sorte em escolher Mariana como a décima cidade em que morei.

RESUMO

Este memorial acompanha o processo de produção de um livro autossociobiográfico, o qual narra as experiências de mudanças de cidade vividas pela autora no território mineiro. A obra parte de uma vivência particular, mas propõe um olhar ampliado sobre os impactos sociais e familiares de deslocamentos geográficos recorrentes. A narrativa se estrutura a partir da observação de objetos e arquivos pessoais reconhecidos como mobilizadores de memórias e de afetos. O livro, portanto, é resultado de exercícios de escrita diante das memórias emergentes nas relações com os itens arquivados.

Palavras-chave: Arquivo; Autossociobiografia; Experiência; Memória; Migração.

ABSTRACT

This memorial accompanies the production process of an autossociobiographical book, which narrates the author's experiences of moving between cities within the state of Minas Gerais, Brazil. The work stems from a personal story but offers a broader perspective on the social and familial impacts of recurring geographical displacements. The narrative is structured through the observation of personal objects and archives recognized as triggers of memories and affections. The book, therefore, emerges from writing exercises inspired by the memories evoked in the encounters with these archived items.

Keywords: Archive; Autosociobiograph; Experience; Memory; Migration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 - Figura 1: Mapa de Minas Gerais com as cidades moradas	11
ILUSTRAÇÃO 2 - Figura 2: Cortina do capítulo “Cortina branca”.....	18
ILUSTRAÇÃO 3 - Figura 3: Casinha do capítulo “Caixas”.....	18

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. AUTOSSOCIOBIOGRAFIA E ESCRITA EM PRIMEIRA PESSOA	12
3. MONTANDO UM LIVRO ENTRE ARQUIVOS E MEMÓRIAS	14
3.1 Seleção	15
3.2 Montagem	16
3.3 Processo de escrita	19
4. IDENTIFICAÇÃO TERRITORIAL X AUSÊNCIA DE IDENTIFICAÇÃO	22
4.1 Condição de mudança	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
6. REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

Em muitas empresas brasileiras, a transferência de funcionários entre suas unidades é uma ação comum. Na ocasião em que um trabalhador é transferido para outra filial, há casos em que a família o acompanha por necessidade, já que, muitas vezes, é inviável preservar vínculos à distância e sustentar mais de uma residência em cidades diferentes. Redes de supermercados também adotam essa prática como estratégia de gestão e, dessa forma, a mudança de domicílio é impulsionada por motivos profissionais. Essa foi observada ao longo de minha infância e adolescência, pois meu pai, André, trabalhava em um supermercado que realizava transferências de funcionários entre cidades e eu, integrante de sua família, o seguia.

Diante das memórias que me são possíveis, optei por produzir um livro sobre minha experiência itinerante por cidades mineiras. Ao longo da minha vida, morei em 10 cidades e acumulei 18 mudanças entre casas. Com isso, o produto jornalístico elaborado percorre objetos, arquivos e memórias elaboradas com o intuito de identificar as localidades que passei e quais as relações que possuo com elas. Para cumprir esse objetivo, realizei um processo de montagem de um livro a fim de apresentar as memórias que emergiram acerca do meu percurso transitório e os objetos que guardo para preservar um vínculo territorial e temporal com as cidades percorridas.

O gênero escolhido para o livro é o de autossociobiografia. Trata-se de uma forma de narrativa que valoriza a personalidade e que serve como lente para entender uma estrutura social e laboral. A autossociobiografia foi escolhida para orientar a montagem, por meio de memórias e textos, que este livro propõe. Como define Laura Barbosa Campos (2022), esse gênero parte de uma perspectiva individual, mas com atenção a estruturas sociais. Na minha escrita, a mudança de cidade não é narrada apenas como uma vivência particular, mas como uma experiência familiar imposta por relações trabalhistas. A idealização dos capítulos também foi feita com um olhar dual: o de quem viveu as migrações e o de quem analisa essa história a partir de situações sociais.

Assim, a “introspecção sociológica” que existe em obras autossociobiográficas como “O Lugar”, de Annie Ernaux (1983), serviu de guia para o gesto de montar este livro. Ao escrever sobre o sentimento de impermanência, o processo de manter objetos escondidos e a ausência de identificação com os lugares, não estou apenas falando de mim, mas de como determinadas experiências de mudanças não idealizadas afetam as pessoas em seus contextos sociais e familiares. Dessa forma, a narração da minha trajetória se aproxima ao jornalismo

em primeira pessoa com o intuito de dar sentido às experiências vividas por meio da escuta, observação, localização de arquivos e interpretação.

De acordo com Fabiana Moraes (2022), assumir a subjetividade no jornalismo significa reconhecer o posicionamento como uma ferramenta crítica, pois ao se inserir no relato, o jornalista explicita seu ponto de vista e cria espaço para observação de outras vivências. Nesse sentido, a escrita em primeira pessoa permite compreender e contextualizar histórias que, muitas vezes, permanecem invisíveis em modelos narrativos tradicionais. Dessa maneira, realizar uma escrita sobre meu percurso migrante é também um ponto de partida para reconhecer outras histórias em relações sociais e trabalhistas parecidas.

A escolha do livro como produto midiático para este trabalho não é apenas uma questão de formato, mas também de linguagem. O livro permite profundidade nos contextos que são elaborados em formas textuais diante das memórias. Ao optar por uma narrativa autossociobiográfica, o projeto se afasta do paradigma da objetividade rígida e abre espaço para práticas jornalísticas que reconheçam a subjetividade e a dimensão experiencial como um processo comunicacional. A proposta de livro autossociobiográfico aproxima jornalismo e literatura para traçar os objetos e memórias com investigação e comunicação sensível.

Esse livro pensa nas itinerâncias não apenas como deslocamentos geográficos, mas como experiências de reinvenção com a mudança de territórios e, por isso, que nos permitem modos de saber ao viver. Ao narrar meu percurso como pessoa que morou em diferentes cidades do interior de Minas Gerais, proponho um olhar às especificidades dessas movimentações, tratando-as não apenas como meros dados estatísticos de migração. A narrativa percorre os trajetos assumindo as memórias como construção de localização e como afirmações das experiências de mudar transformam também a forma de se identificar no mundo.

Ao longo do território mineiro, dez cidades compõem o mapa geográfico das minhas experiências de deslocamento. Divinópolis e Itaúna aparecem como centros urbanos marcados pela indústria, pelo comércio e pelo ritmo acelerado da vida cotidiana: nasci em Divinópolis, em 2003, e vivi com minha família em Itaúna nos primeiros meses de vida. Antes de completar um ano de idade, meus pais se mudaram comigo para Campo Belo, cidade com uma relação mais próxima com o campo e com a interioridade, onde o tempo parece se organizar de uma forma mais lenta; permaneci lá até o início de 2008. Por alguns meses, morei em Arcos, município de paisagem industrial, marcado pelo ar carregado de resíduos de calcário. Em agosto de 2008, minha família seguiu para Araxá, cidade associada à cura e aos tratamentos terapêuticos em função das águas e lamas termais presentes em seu

território, sendo reconhecida como estância hidromineral. Residi em Araxá até o início de 2010, quando retornamos a Campo Belo, onde moramos até 2014. No final de março daquele ano, passamos a viver em Formiga, cidade de forte cultura interiorana. Em 2015, nos mudamos para Lavras, marcada pela presença universitária, e, no ano seguinte, para Passos, considerada uma cidade de circulação, com produção têxtil expressiva e referência para municípios menores ao seu redor. Em janeiro de 2022, retornamos a Divinópolis, onde permanecemos por nove meses, antes de nos mudarmos para Varginha, cidade fortemente ligada à produção de café e ao mito ufológico que integra seu imaginário coletivo. Por fim, em novembro de 2022, mudei-me sozinha para Mariana, lugar onde surgiu Minas Gerais.

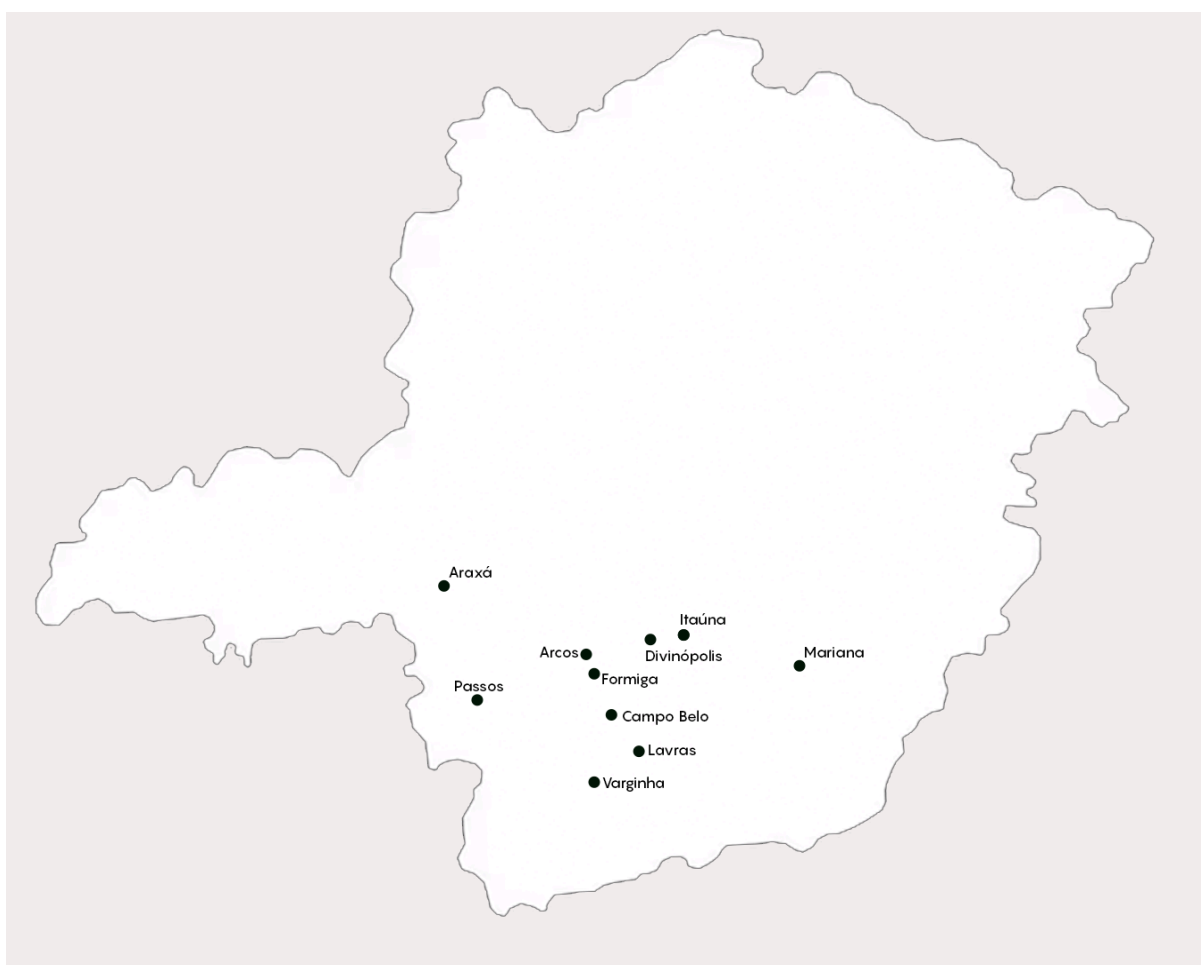


Figura 1: Mapa de Minas Gerais com as cidades moradas.

2. AUTOSSOCIOBIOGRAFIA E ESCRITA EM PRIMEIRA PESSOA

O livro se estrutura como uma autossociobiografia, em que o pessoal e o social se entrelaçam. Os deslocamentos narrados não são somente meus: eles revelam dinâmicas e memórias familiares e exigências de um sistema de trabalho que atravessa os corpos e um modo de vida. Nesse sentido, escrever em primeira pessoa é enfrentar camadas de silenciamento. Ao recusar a neutralidade, revelo também como fui socialmente moldada a viver. Como aponta Laura Barbosa Campos (2022), esse gesto de escrever sobre si com consciência das estruturas é também um modo de elaborar uma trajetória social, por isso escolhi escrever a autossociobiografia em primeira pessoa.

A escrita dessa autossociobiografia parte de uma observação atenta das experiências que vivi com as mudanças de cidade, especialmente as que emergem pela memória e pelos objetos como registros do tempo. Cada capítulo é resultado de um processo em que me debrucei sobre o vivido e busquei maneiras de o relatar. Como apontam Bruno Leal e Carlos Mendonça (2023), pensar a comunicação a partir da experiência implica entender que a narrativa carrega marcas de quem escreve, seus modos de perceber o mundo, seus afetos e lacunas. Nesse sentido, este livro não busca falar sobre a experiência como se ela estivesse distante de mim, mas sim a partir de como ela ressoa no presente.

Não há, aparentemente, uma fórmula pronta que retire quem pesquisa do processo de produção de conhecimento sobre a experiência. Sendo um/a pesquisador/a, quem pesquisa é também uma pessoa em meio a fluxos da vida cotidiana (incluindo aí os acadêmico-científicos) e sobre os quais, mesmo tendo agência, não tem nem posse nem controle. [...] Em todos os casos, faz-se uma opção pelo fragmento, pelo pequeno, pelo indicial como forma de alcançar questões ou aspectos sociais mais complexos e amplos. Menos que “métodos” ou “protocolos”, esses esforços materializam algumas possibilidades de conhecer e saber a experiência. (LEAL, 2023, p.35)

Escrever a partir das experiências é compreender também que a narrativa tem origem em minha ação, mas que não se limita a mim. As experiências resgatadas no livro são compartilháveis, pois revelam as marcas de uma estrutura social que impõe às pessoas a tarefa de se adaptar aos novos lugares. Escrever sobre ser filha de um trabalhador que é transferido de cidade em cidade é também escrever sobre o impacto que a transferência corporativa tem nas dinâmicas relacionais. Minha escrita também nasce dessa tensão entre o

movimento imposto e a experiência em busca de permanência e identificação. Pois não é apenas um deslocamento físico, mas também um deslizamento identitário constante.

Essa relação entre meus arquivos e memórias foi intensificada pelo acompanhamento terapêutico com minha psicóloga, fundamentado na Gestalt-Terapia. A Gestalt propõe a noção do “aqui e agora”, onde a percepção é sempre atual, mesmo quando se volta para o passado, ou seja, não acessamos o que aconteceu como se estivéssemos voltando no tempo, mas sim como sentimos hoje o que ficou de ontem. Assim, ao escrever, não estou apenas narrando o que vivi, mas o que permanece em mim das experiências e das perguntas que só emergem agora. A partir disso, alguns dos documentos que serviram como arquivos são textos solicitados em sessões terapêuticas.

A abordagem que me acompanha também ressoou na forma como escolhi montar o livro por meio da escrita em primeira pessoa. A Gestalt-Terapia enxerga o indivíduo em relação ao meio, com isso a interação entre pessoa e ambiente é valorizada. Na escrita, isso estimula um olhar para além do primeiro plano e considera, assim, a abrangência de sentidos que existe nos objetos e memórias. A partir disso, faz parte do processo reconhecer minha posição em relação às memórias, quem eu sou diante dos objetos que selecionei como arquivo e as escolhas do meu fazer jornalístico, como é o caso da narrativa em voz pessoal.

Nesse sentido, escrever a partir das minhas experiências não é repetir os fatos, mas elaborar como eles se dialogam e de que forma aparecem para mim. Ao revisitar esses deslocamentos pude localizar melhor o que me constitui. Escrever em primeira pessoa é uma forma de fazer o movimento inverso ao que me foi imposto. Se durante anos empacotei minha casa e fui levada de um lugar a outro, agora desencaixoto os arquivos e tento me localizar a partir deles. Ao dar corpo a essas experiências, a escrita se tornou o espaço onde consigo permanecer, ao menos por instantes.

3. MONTANDO UM LIVRO ENTRE ARQUIVOS E MEMÓRIAS

Neste capítulo, apresento o caminho percorrido na observação e na seleção dos itens de arquivos que deram origem à narrativa do livro. Mais do que fontes que confirmam fatos do passado, os arquivos pessoais foram acionados como provocadores de lembranças, como elementos que tensionam e ampliam as formas de contar. Parto da compreensão de que arquivo não é apenas um conjunto ordenado de registros, mas um acervo que se transforma conforme quem o aciona e quando é mobilizado. Considero como arquivo também aquilo que possuem elementos faltantes ou até mesmo objetos que não estão mais comigo. Para compreender essa relação entre sujeito e arquivo, recorro a *Arquivo e Repertório: Performance e memória cultural nas Américas*, de Diana Taylor (2013), que apresenta pistas e reflexões sobre o uso de registros e documentos na construção de narrativas. Essa referência me ajuda a pensar não só o que escolho preservar, mas também como essas escolhas moldam a voz da história.

Em relação a memória, por sua vez, parto do entendimento de que ela é como um corpo instável, não é uma recuperação exata de fatos, mas um movimento de resignificação que é cortado por esquecimentos, silêncios e pela imprevisibilidade do lembrar. Busco operar com as memórias dialogando com Luciana Amormino (2024) e sua obra *A memória como gesto: um ato ético, estético e político*. A autora apresenta proposições sobre a dimensão processual da memória. Essa compreensão dos limites e silêncios dos objetos e memórias é parte constituinte do meu processo de selecionar e montar o livro. As ausências e fragmentos dizem tanto quanto o que está presente, revelando o caráter oscilante do lembrar.

A partir disso, ao revisitar os objetos, compreendi que seus significados mudam conforme o momento e o modo como eu os olhava. Já a memória, entendo que ela se dá como elaboração, ela se constroi a partir do encontro com os objetos, sendo o gesto um processo instantâneo que escapa ao controle do sujeito. Também foi necessário reconhecer que seleção e a montagem não partem do princípio de preencher vazios. Já que, o próprio percurso das mudanças que compõem minha história impôs uma lógica de montagem fragmentada. Pois ela não segue uma ordem rígida dos fatos nem parte de uma escolha prévia do que aparecerá no texto. Trata-se de uma montagem que caminha junto com a imprevisibilidade da memória, construída na maneira como abordei os objetos e fui abordada por eles, de forma processual.

3.1 Seleção

Os arquivos que revisito e as memórias que são elaboradas para a produção do livro não são acionados como confirmadores da minha história, mas também, e principalmente, como provocadores para que ela se articule em forma textual. A seleção dos materiais não seguiu um critério de linearidade narrativa e formou-se como uma trama com os objetos que me convocaram a lembrar dos movimentos itinerantes. Ao interagir com meus próprios arquivos, percebi que eles ganham novos significados a cada vez que eram revisitados, como se exigissem outros olhares. Parte da seleção é identificar que meus arquivos devem ser reencenados sem se basear em escolhas objetivas. Exercita-se, assim, uma dinâmica relacional, na qual permanecem os objetos que, de alguma forma, falaram comigo.

Cada objeto deixa de ser mero suporte da lembrança e passa a atuar como presença, mas exige de mim o esforço para interpretar o que está invisível e selecionar entre as múltiplas imagens. Ao selecionar os arquivos, percebi que possuem diferentes camadas de sentidos que se transformam conforme o meu olhar. Diana Taylor (2013) discute como a memória “arquivada”, por mais que pareça resistente à mudança, não está imune à interpretação. Ela afirma que os conteúdos dos arquivos podem ser reativos e os significados mudados de acordo com quem os examina.

A memória "arquivada" existe na forma de documentos, mapas, textos literários, cartas, restos arqueológicos, ossos, vídeos, filmes, CDs, todos esses itens supostamente resistentes à mudança. [...] O que muda ao longo do tempo é o valor, relevância ou significado do arquivo, como os itens que ele contém são interpretados ou mesmo incorporados. Os ossos podem continuar os mesmos, embora sua história possa mudar, dependendo do paleontólogo ou antropólogo forense que os examina. (TAYLOR, 2013, p.48)

A proposta de trabalhar com arquivos pessoais como ponto de partida para a construção de uma narrativa também exige que eu aceite os limites daquilo que eles mostram. Didi-Huberman (2017), ao falar sobre arquivos, destaca as imagens que não estão visíveis e aponta que seus silêncios são tão importantes quanto o que se apresenta. Isso fez parte da seleção, porque muitos dos meus objetos no arquivo são incompletos: fotos que se perderam, cartas sem identificação, objetos que não existem mais, casas que ficaram para trás e esquecimentos. Não podemos olhar para os arquivos esperando que eles nos deem todas as respostas, por isso assumo uma escrita que acolhe as lacunas como parte da linguagem da

memória. Como ele sugere, é preciso olhar para o fragmento como algo que também produz sentido, que também conta uma história.

Luciana Amormino (2024), ao discutir a memória como um corpo instável e, por vezes, contraditória; propõe que o ato de lembrar não se limita a um movimento interno, mas é uma prática que envolve escolhas. Escolher quais memórias trazer para o livro foi, portanto, um processo reflexivo: nem sempre o que lembrava era o que queria contar e nem sempre o que queria contar vinha com nitidez. Mas assumir esse caráter processual da memória, com suas brechas, dobras e incertezas, me permitiu não tentar controlar o passado, mas sim aceitar como ele aparece para mim e como me engajo com ele para recompor as memórias que me são possíveis.

Por fim, a própria estrutura do livro e dos capítulos, marcada por deslocamentos geográficos e subjetivos, exigiu que o processo de seleção fosse guiado por uma lógica não linear. Diferente de um levantamento cronológico, minhas relações com o arquivo e a escolha dos objetos foi atravessada pela emergência das lembranças. Algumas memórias só emergiram depois de outras terem sido escritas. Isso implica que a seleção não é feita em um momento isolado, mas se constitui como uma prática contínua ao longo da escrita. Nesse sentido, os objetos acionados do arquivo não são apenas materiais sobre os quais escrevo: são também mobilizadores do processo. Eles interrompem, provocam, fazem lembrar e fazem esquecer.

3.2 Montagem

A montagem, em meu projeto, não busca preencher lacunas, nem organizar os fragmentos de forma didática. É um exercício de composição que valoriza manter uma relação com o que foi vivido e as mudanças que foram experienciadas e acessadas: sem previsões e certezas absolutas. Dessa maneira, aceitar o movimento instável das memórias e das interpretações que os objetos mobilizam também permite que arquivos afetivos e documentais estejam em paralelo, e não em hierarquia. Escrever este livro foi também um exercício de tradução da instabilidade em linguagem. A escrita, nesse sentido, também é uma montagem feita de sobreposições, vazios e deslocamentos.

Realizo uma composição que não se baseia em alinhar fatos cronologicamente. Por exemplo, uma lembrança de uma casa pode vir em um capítulo anterior ao qual tratará do seu devido contexto demoradamente, essa é uma maneira de respeitar o tempo da memória. Antes de atribuir sentidos e memórias a um objeto, eu me deixo ser afetada por ele, como é o

exemplo do primeiro capítulo “Cortina branca”, no qual não somente uma cortina é a mobilizadora daquela narrativa, mas também a identificação da minha ausência em relação a cortina foi uma provocação para que as memórias surgissem por meio do objeto.

Ao praticar montagem para esse livro, pretende-se refletir no modo de escrita tensionada pelo modo de existir em trânsito de uma pessoa que se mudou de cidade várias vezes. Ou seja, acompanhar o ritmo das memórias, que não é fixo, assim como minha localização. Georges Didi-Huberman (2017), ao tratar da montagem em *Quando as imagens tomam posição*, discorre que a montagem pode partir de um processo de justaposição de imagens e, ao mesmo tempo, de confronto entre elas, como o escritor chama de “montagem complexa”. Logo, a produção deste livro desencadeia um encontro onde eu e os arquivos nos interrogamos mutuamente, assim como os próprios arquivos dialogam entre si.

Na escrita, ao buscar dar forma textual à memória, ela não se apresentou de maneira cronológica. Por isso, o texto, assim como as memórias, foi estimulado por encontros com objetos. O capítulo “Caixas”, por exemplo, foi costurado a partir da memória recorrente de mudanças passadas, evocada pelo ato de abrir e fechar caixas guardadas. Já “Cortina branca”, surge do toque involuntário de um tecido antigo, que me faz revisitar um quarto em Passos e, com ele, um sentimento de não pertencimento. Em “Capa de chuva”, é um objeto frágil, quase descartável, que me faz narrar uma mudança vivida sozinha e atravessada por luto. Assim, a materialidade dos objetos dá forma à memória. Nem tudo cabe em afirmações fixas ou definitivas, especialmente quando tratamos da memória e de experiências. Montar em texto aquilo que escapa às palavras implica, muitas vezes, no uso de perguntas reflexivas.

Assim, cada capítulo nasce de um encontro com uma memória que emerge com os itens arquivados no meu percurso migrante, como se cada um me interpelasse. “O que você ainda não contou?”, “O que você tem a me dizer agora?” ou, por vezes, “O que você ainda não disse sobre mim?”. Retorno aos itens de arquivo que testemunharam comigo esses deslocamentos e tento acessar as perspectivas deles à procura do que eu esqueci. Em vários momentos, a narrativa assume o tom de conversa com o leitor, mas também com os arquivos. Engajo com os objetos na tentativa de acessar a visão que possuem de mim e o que me diriam se pudessem falar.

Além disso, alguns objetos selecionados surgiram de maneira inesperada, por vezes acessando caixas e materiais guardados ou por meio de memórias que surgiram, como foi o caso da capa de chuva que encontrei dentro de uma caixa e dos sapatos apertados que recordei de quando eu morava em Campo Belo no ano de 2012. Já outros objetos foram

pré-selecionados para compor a narrativa do livro, como foi o caso das caixas e das cartas que recebi em momentos de despedida.

Esse movimento se comunica com Didi-Huberman (1998) e seu livro *O que vemos, o que nos olha*, onde o autor reflete sobre o que está oculto nos objetos e examina como romper com a visão tautológica que reduz objetos às suas aparências imediatas. Na minha escrita, a cortina, por exemplo, é descrita como uma testemunha silenciosa da minha história, uma companheira que me observa e que também possui suas próprias memórias. A capa de chuva, por sua vez, parece apresentar uma versão minha que eu hesitava em visitar.

Terá feito tudo, esse homem da tautologia, para recusar as latências do objeto ao afirmar como um triunfo a identidade manifesta - minimal, tautológica - desse objeto mesmo. [...] "Esse objeto que vejo é aquilo que vejo, um ponto, nada mais". Terá assim feito tudo para recusar a temporalidade do objeto, o trabalho do tempo ou da metamorfose no objeto, o trabalho da memória - ou da obsessão - no olhar. (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.39)



Figura 2: Cortina do capítulo “Cortina branca”.



Figura 3: Casinha do capítulo “Caixas”.

As visualidades inseridas na obra também compõem esse trabalho de montagem. Elas não estão ali como forma de ilustrar o que foi escrito, mas como afirmações que ampliam e tensionam sentidos das memórias que surgiram como elementos articuladores da história que se conta. Didi-Huberman (2017) trata a imagem fotográfica como um arquivo visual que carrega tempo e camadas históricas, mesmo quando não se sabe nomear tudo o que ela mostra. O modo como elementos visuais foram organizados no livro corresponde a esse entendimento e é uma abertura para que o leitor interprete, junto comigo, o que pode emergir deles. A montagem, nesse ponto, também é um convite ao outro para exercitar as possibilidades da memória.

A narrativa não possui caráter reconciliador, ela permite que hiatos tenham lugar na estrutura do livro. Essa escolha se aproxima do que Luciana Amormino (2024) chama de “dimensão processual da memória”, em que lembrar é um ato contínuo, nunca finalizado. Nesse processo, a montagem surge como modo de respeitar o que ainda está por se dizer. Ao organizar os capítulos e os arquivos, fui reconhecendo que não se trata de resgatar uma história em totalidade, mas de criar uma linguagem possível que comunique essa experiência ainda em movimento.

Olhar para o que está oculto em um objeto, morando em Mariana, aciona diversos sentidos e também um movimento duplo: abre passagem para o passado e, ao mesmo tempo, me ancora no presente. Uma vez que, as lembranças não apenas revelam onde já estive, mas também me perguntam para onde eu quero ir. Dessa forma, procuro maneiras de escrever sobre um desejo de permanência que já senti por outros espaços, ao mesmo tempo em que vivo em uma cidade para finalizar uma graduação e diariamente planejo o momento da partida. É uma escrita atravessada pelas migrações e realizada enquanto preparo o próximo deslocamento.

3.3. Processo de escrita

A escolha narrativa deste trabalho foi a autossociobiografia, produzida a partir daquilo que resistiu em mim e comigo. Há, nesse processo, uma combustão entre memória, objeto observado e experiência vivida. Após esse percurso, noto que essa escrita não se constrói a partir de eventos isolados, mas sim de uma condição de mudanças de cidade que já se desenvolvia na história da minha família antes mesmo do meu nascimento. Além disso, percebi também que reunir o tempo passado em um texto escrito no presente gerou em mim um sentimento de permanência, como se a escrita operasse uma suspensão momentânea do deslocamento constante que marcou minha trajetória.

Ao longo do processo, acessei marcadores e situações sociais que me mobilizaram a escrever e a pensar minha experiência em uma dimensão mais alargada. As memórias elaboradas não emergiram apenas da recordação individual, mas também de retificações sociais, atravessadas por temas como as implicações do deslocamento na infância, a violência contra a mulher, os espaços de formação e educação, além de acontecimentos familiares e sociais que me fizeram retornar às cidades e às casas sem que elas fossem, necessariamente, o tema central da narrativa.

As cidades surgem, assim, como camadas de fundo, acionadas por experiências, relações e conflitos que extrapolam o espaço físico e se inscrevem na narrativa. A partir dessas inscrições que compõem o livro, tornou-se necessário selecionar quais memórias poderiam ser acionadas, uma vez que algumas precisaram ser limitadas por envolverem histórias pessoais, próprias ou de terceiros. Nesse contexto, a ética do fazer jornalístico se fez presente, orientando os devidos cuidados com o valor social presente na produção.

Antes mesmo de considerar a produção desse livro, eu pensava em desenvolver um trabalho de conclusão de curso que tratasse sobre luto territorial. Vivendo em Mariana, cogitei abordar os lutos vividos por populações da região, também cheguei a pensar em escrever sobre as vivências de caminhoneiros ou comunidades nômades de Minas Gerais. Todas essas ideias partiam de um mesmo ponto: a experiência de uma vida deslocada, sem um território fixo. A partir dessa percepção, encontrei na minha própria trajetória por cidades mineiras um ponto de partida para refletir sobre o luto territorial e a busca por pertencimento.

Trata-se de um lugar pessoal, mas que não se esgota na pessoalidade, pois encontra reverberações em outras experiências, um princípio que sustenta a escolha pelo gênero autossociobiográfico. Essa compreensão dialoga com Bruno Souza Leal (2022), que, em *Introdução às narrativas jornalísticas*, discute a narrativa como um processo de construção atravessado pela experiência, no qual o sujeito que escreve não é neutro nem externo ao que narra. Desse modo, a minha autossociobiografia dialoga com experiências compartilhadas de deslocamento, memória e pertencimento.

Ainda que uma dada narrativa seja elaborada por um indivíduo único e tendo como referência sua realidade singular, ela tem sempre e necessariamente uma dimensão coletiva. [...] Ainda que venha a narrar principalmente sobre si (e mesmo para si), essa pessoa não fala apenas sobre ela mesma, pois se refere a um estar no mundo que é, quer ela queira ou não, goste ou não, coletivo. Sendo um ato comunicacional, além disso, narrar institui um interlocutor, um "outro" com o qual se dialoga. Narrar envolve então sempre mais de um/a, mesmo que este/a interlocutor/a seja um "eu" fraturado pelo próprio ato narrativo. (LEAL, 2022, p.37)

O processo de escrita também se configura como montagem, tanto das memórias quanto do próprio livro. A escrita, a partir do encontro com os arquivos, deu forma em linguagem verbal e visual às imagens que surgiram nesse processo, ela não é apenas uma consequência a partir das memórias, mas também um gesto que estimula próximas lembranças. Logo, escrever é montar, uma vez que faz parte do processo organizar as

informações, lidar com as lacunas e construir, aos poucos, uma narrativa. Dessa forma, o ato de escrever opera como um espaço onde as imagens que rodeiam as cidades e casas que foram moradas se entrelaçam.

4. IDENTIFICAÇÃO TERRITORIAL X AUSÊNCIA DE IDENTIFICAÇÃO

Algo que se repete ao longo da minha narrativa é uma dualidade constante de sentimentos em relação aos lugares que habitei. Em alguns momentos, narro o desejo de permanecer em uma cidade para a qual, inicialmente, eu não queria ir; em outros, relato a sensação de não me reconhecer no mesmo espaço que já me parecia possível como morada. Essa oscilação não se resolve, mas se mantém como tensão: um vínculo que se constrói ao mesmo tempo em que se desfaz. Viver nesses deslocamentos produziu em mim o que compreendo como um afastamento próximo. Já ouvi que, ao mudar de cidade, aquilo que nos prende a um território deixa de nos prender, no entanto, acredito que uma mudança não implica em uma liberdade plena, mas sim em um conhecimento do que ainda existe dentro de você e do que deixou de existir.

Estava ali, implicada fisicamente no território, sem me sentir completamente situada nele. Essa condição revela a coexistência entre identificação territorial e ausência de identificação sentidas por mim. O vínculo com as cidades não se dava pela fixação, mas pela relação, a qual era instável, relativa, que operava tanto pela proximidade quanto pelo afastamento. Nesse sentido, ao relevar essa dualidade, diálogo com Georges Didi-Huberman (2017), em *Quando as imagens tomam posição*, que propõe que toda posição é relacional, ou seja, estar diante de algo não significa estar plenamente dentro, nem completamente fora. Eu estava sempre entre, nem tão perto, nem tão longe.

A proximidade com a mudança e, simultaneamente, o afastamento em relação aos lugares produziu uma forma específica de habitar. Conheci ruas, escolas, casas, pessoas e rotinas. Aprendi os nomes dos bairros, os trajetos cotidianos e as marcas culturais de cada cidade. No entanto, emocionalmente, por vezes, eu permanecia em suspensão. Havia uma implicação física no espaço, mas um distanciamento afetivo que se instaurava como mecanismo de sobrevivência diante da instabilidade constante. Essa contradição - entre criar vínculos e não se sentir pertencente - atravessa toda a minha trajetória. A identificação territorial nunca foi plena, assim como a ausência nunca foi total. Ambas coexistem, produzindo uma experiência marcada por deslocamentos sucessivos, por uma sensação contínua de transitoriedade e por uma forma de estar no mundo que se constrói no intervalo, no entre-lugar, na permanência provisória.

Ao longo do processo de escrita, percebi que o tempo dedicado ao livro também se configurava como uma forma de moradia. Havia a consciência de que esse período de dedicação ao trabalho, assim como minha presença nas casas e cidades que atravessei, teria

um fim, mas, ainda assim, experimentei a escrita como um espaço de permanência provisória. Por isso, denominei o livro no capítulo “Cartas” como livro-casa. Nele, a escrita operou, assim, como um território possível. Diferente das cidades, que me chegaram como imposição, o livro se construiu como um espaço que pude ocupar com maior autonomia.

Ainda que instável, esse território textual ofereceu um sentimento de permanência, não ancorado em um lugar físico, mas na elaboração narrativa. Nesse sentido, o livro-casa não elimina a experiência do deslocamento, mas a ressignifica. Eu pude tratar de forma mais consciente sobre minhas transitoriedades e da procura de me sentir pertencente, essa espécie de moradia existe no tempo da escrita e se desfaz quando o processo se encerra, deixando, porém, vestígios. Logo, a minha autossociobiografia se tornou um lugar possível de habitar enquanto era produzida, onde o sentimento de permanência se constrói não pela fixação territorial, mas pela possibilidade de permanecer em palavras.

4.1 Condição de mudança

Ao longo da minha trajetória, o deslocamento esteve sempre presente, mas nem sempre foi nomeável. Ao chegar a um novo lugar, eu me via convocada a me revelar, ainda sem ter escolhido a mudança. Eu me mudava, mas não decidia mudar. Logo, essa distinção se tornou central para compreender o tipo de experiência que atravessou minha infância e adolescência, marcada por deslocamentos sucessivos que não partiram de uma escolha própria, mas da necessidade e das decisões dos meus pais. Migração, em seu sentido mais comum, pressupõe uma escolha: escolher partir, escolher se deslocar, ainda que em contextos adversos. Dessa maneira, meus pais podem ser compreendidos como migrantes, pois meu pai decidia se deslocar para continuar trabalhando no mesmo emprego e a minha mãe escolhia seguir com ele para a outra cidade.

Já a minha posição nesse processo era distinta. Durante a infância, acompanhei essas decisões sem que me fosse dado o direito de escolha, o que tornou difícil encontrar um termo que definisse com precisão a minha experiência. As mudanças que vivi não podem ser compreendidas como migração voluntária, pois não partiram de uma decisão minha, mas tampouco podem ser classificadas como migração forçada, categoria geralmente associada a deslocamentos decorrentes de perseguições, guerras, desastres naturais ou graves violações de direitos humanos. Diante dessa inadequação conceitual, optei por utilizar, ao longo do livro, o termo mudança, recorrendo a expressões como “me mudei” para nomear um tipo de itinerância que escapa às categorias tradicionais da migração. Além disso, enxergo como uma

condição intermediária: uma mudança compulsória, que não se impõe pela violência explícita, mas pela ausência de escolha. Essa condição atravessa a forma de habitar os lugares e reforça a sensação de estar sempre em trânsito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir este livro foi mais do que um exercício acadêmico ou jornalístico, foi um processo de introspecção. Ao longo da escrita, compreendi que as experiências que me atravessaram não estão encerradas no passado, mas continuam se organizando no presente de maneiras diferentes. O gesto de transformar lembranças em texto exigiu não apenas técnica e pesquisa, mas disponibilidade emocional e ética para olhar para minha própria trajetória, inclusive para os silêncios, os esquecimentos e as dores.

A construção deste trabalho me ensinou que escrever também é uma forma de se localizar. Em meio a tantas mudanças geográficas, foi através da palavra que encontrei um modo de fixar sentidos, ainda que provisórios, sobre quem fui, quem sou e o que permaneceu a cada deslocamento. Olhei novamente para objetos, fotografias, refleti sobre casas, cidades e relações. Com isso, aprendi a valorizar os fragmentos, a respeitar o tempo da memória e a me reconciliar com as experiências como elas são e não como eu gostaria que tivessem sido.

Este projeto também despertou em mim uma nova percepção sobre o valor da subjetividade no fazer jornalístico. A escrita em primeira pessoa, muitas vezes deslegitimada como fonte de conhecimento, revelou-se potente e politicamente necessária para narrar essa história. Ser filha de um trabalhador que precisa aceitar as transferências de cidade, é habitar um lugar que raramente encontrei nomeação. Com este livro, encontrei uma forma de nomear, ainda que provisoriamente, esse espaço.

Além disso, reconheço que o meu acompanhamento terapêutico, pela abordagem da Gestalt-Terapia, ressoou no processo criativo. A escrita, assim como a terapia, se tornou um espaço de reorganização das experiências vividas e uma maneira de reconhecer o fluxo da minha própria história. O livro não encerrou um ciclo, mas inaugurou outros modos de me relacionar com minha trajetória. Ressalto que para trabalhar com as memórias também precisei, algumas vezes, entrar em contato com as lembranças da minha família e amigos. Assim, talvez, mais importante do que contar o que vivi, foi descobrir que minha história pode encontrar ressonância em outras vidas.

Por meio deste trabalho, tentei dialogar com o luto territorial que senti e sinto. Ao final, encerrei algumas interrogações que se movimentaram comigo pelas estradas: desde o tipo de mudança que vivi até o que, afinal, constitui o sentimento de pertencimento. Com este livro, deixei - ao menos um pouco - de pensar em quem eu seria se não tivesse mudado tantas vezes, ou se nunca tivesse mudado. Passei a compreender que essas foram as minhas experiências de moradia e que, a partir delas, isso é uma das coisas que tenho para contar.

5. REFERÊNCIAS

AMORMINO, Luciana. **A memória como gesto: um ato ético, estético e político**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2024.

CAMPOS, Laura Barbosa. **Autobiografia e trajetória social: escritas auto-sócio-biográficas de expressão francesa**. In: NOGUEIRA-PRETTI, Luciana Persice (Org.). Literaturas Francófonas VI: debates interdisciplinares e comparatistas. Rio de Janeiro: Dialogarts, p. 389-400, 2022. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/literaturas-francofonas-vi-debates-interdisciplinares-e-comparatistas/>. Acesso em: 08 fev. 2025.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição: o olho da história**. 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

ERNAUX, Annie. **O lugar**. Lisboa: Fragmentos, 1983.

LEAL, Bruno. **Introdução às narrativas jornalísticas**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

LEAL, Bruno. MENDONÇA, Carlos. **Teorias da comunicação e experiência: aproximações**. Cachoeirinha: Fi, 2023. 178p.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: Subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago, 2022. v.1000. 368p.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.